

LHEÍSMO NO PORTUGÊS BRASILEIRO: EXAMINANDO O PORTUGÊS FALADO EM FEIRA DE SANTANA

Devse Edberg¹, Norma Lucia Almeida²

1. Bolsista FAPESB, Graduanda em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: dedberg2006@yahoo.com.br
2. Orientadora, Departamento de Letras e Artes, e-mail: norma.uefs@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: sistema pronominal, segunda pessoa, clítico acusativo.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, muitas pesquisas linguísticas de cunho Variacionista sobre o Português Brasileiro, têm sido desenvolvidas com base nas observações sobre o quadro dos pronomes, sobretudo, no que diz respeito a sua reformulação. Após a fixação dos pronomes *você* e, posteriormente, *a gente*, sucedeu-se várias alterações morfossintáticas no quadro pronominal do (PB).

Com base nos dados de pesquisas e análises linguísticas sobre este assunto, têm sido evidenciados resultados inovadores, tanto no fato do uso dos pronomes pessoais do caso reto, como também do emprego dos pronomes oblíquos. Segundo Almeida (2009), estes estudos sugerem, com base em dados, a reorganização do quadro pronominal não somente na primeira e segunda pessoa, em menor ou maior grau, mas em todas as pessoas do discurso. Contudo, as pesquisas apontam para um índice de maior mudança no nível de terceira pessoa.

Tratando-se do sistema pronominal do PB, é no paradigma de terceira pessoa que os processos de variação e mudança têm-se desenvolvido mais, dentre as quais, vale citar o 'desuso' das formas de acusativo (*a, o, as, os*) e das formas dativas (*lhe, lhes*), resultando em usos inovadores em suas funções, visto que derivam em empregos que diferem das prescrições gramaticais da língua portuguesa.

Dentre as alternâncias que ocorrem entre a língua portuguesa ditada pela gramática normativa e o emprego das formas pronominais na língua falada, destaca-se, neste trabalho, o uso inovador do pronome oblíquo *lhe* como objeto direto na fala popular e culta do município baiano de Feira de Santana. O presente trabalho intitulado por *Lheísmo no português brasileiro: examinando o português falado em Feira de Santana*, é fruto de um trabalho de análise sociolinguística quantitativa que teve começo com uma pesquisa de Iniciação Científica (IC) sobre a variante linguística em questão, inicialmente em um *corpus* de fala espontânea popular e, somados, posteriormente, a mais dados de amostras de fala espontânea do português culto, falado na mesma comunidade linguística.

METODOLOGIA

A fim de alcançar os objetivos traçados nesta pesquisa, foram utilizadas 24 amostras de fala, sendo 12 entrevistas do português popular e as outras 12 entrevistas de informantes cultos. As amostras coletadas foram submetidas à predição da Teoria Sociolinguística e distribuídas pelos dois sexos, três faixas etárias: (I- jovens (25-35), II adultos (45-55), III idosos (acima de 65); dois níveis de escolaridade (fundamental e superior), dois tipos de discurso (direto e indireto). Estas amostras de fala fazem parte do banco de dados do projeto de pesquisa *A língua portuguesa falada no semiárido baiano*, composto pelo total de 72 amostras de fala espontâneas de feirenses, filhos de feirenses.

A partir da transcrição ortográfica das entrevistas, foi realizado o mapeamento dos contextos previstos dos trechos de fala nos quais ocorrem a alternância do clítico *lhe* como objeto direto. Os dados encontrados nos contextos foram codificados e rodados no *Goldvarb* 2001, programa computacional utilizado para análise sociolinguística quantitativa. O mapeamento desses contextos realizados buscou base nas predições da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972), a fim de determinar suas características tanto linguísticas quanto pragmático-discursivas e sócias do uso dessa variante no município baiano de Feira de Santana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise feita dos dados levantados aponta para 48 % de *lheísmo*, um número percentual que corresponde ao total de 12 ocorrências do clítico *lhe* como objeto acusativo que referencia a segunda pessoa e 13 ocorrências para a forma canônica do *te*, totalizando um contexto geral de 25 casos. Esses resultados, não nos permitiram realizar densas conclusões, visto que se tratou de um número relativamente pequeno de ocorrência do fenômeno observado. Contudo, pode-se afirmar que há uma alternância entre as formas *te* e *lhe* como referência de objeto direto à segunda pessoa também no português popular falado no município baiano de Feira de Santana.

Com base nos resultados, a *forma pronominal/ tipo de discurso* apontou um maior número de uso preferencial do *te* em discurso direto, com 52%, conforme ilustra a tabela:

Forma pronominal/tipo de discurso	Discurso direto	Discurso indireto
Lhe	11/25 44%	1/25 1%
Te	13/25 52%	0/0 0%

Tabela 1: Português popular - Forma pronominal/ tipo de discurso.

Abaixo se encontra a tabela com os resultados por faixa etária. Os jovens, faixa 1, usaram o *te* em 48% das ocorrências de toda a amostra e 20% de *te*. Se levarmos em conta só a distribuição dentro da faixa, houve um uso de 30% do pronome direto e 70% do *lhe* como acusativo, o que demonstra que os jovens estão usando mais a forma conservadora. Fato que pode sinalizar uma atuação do ensino de língua. Os dados da faixa 2 não permite observações por conta do baixo número de dados, 2. Na faixa 3, há um maior uso do *lhe*, 16% do geral dos dados, mas a distribuição dentro da própria faixa apresenta 80% de *lheísmo* e 20% de uso da forma conservadora.

Forma pronominal/faixa-etária	Lhe	Te
Faixa 1	5/25 20%	12/25 48%
Faixa 1 – distribuição dentro da faixa	5/17 30%	12/17 70%

Faixa 2	2/25 8%	0/0 0%
Faixa 2 – distribuição dentro da faixa	2/2 100%	0/2 0%
Faixa 3	4/25 16%	1/25 4%
Faixa 3 – distribuição dentro da faixa	4/5 80%	1/5 20%

Tabela 2: Português popular - Forma pronominal/ faixa-etária.

Já o fator *sexo*, trouxe um percentual de 36% do uso do *te* pelas mulheres, do total geral de dados, opondo-se aos homens com 24% de *lheísmo*. Quando considerados os dados dentro do próprio gênero, houve por parte das mulheres um uso de *te* em 60% das ocorrências e o contrário com os homens, ou seja, 60% de uso do *lhe*.

Forma pronominal/sexo	Lhe	Te
Feminino	6/25 24%	9/25 36%
Feminino¹	6/15 40%	9/15 60%
Masculino	6/25 24%	4/25 16%
Masculino	6/10 60%	4/10 40%

Tabela 3: Português popular - Forma pronominal/ sexo.

Os dados do português culto demarcaram um número percentual de 73% de *lheísmo*, em um total de 32 ocorrências para o pronome oblíquo *lhe* e 11 ocorrências do clítico *te*, consumando o número de 43 contextos nos quais ocorre a alternância entre as formas *te* e *lhe*.

Forma pronominal/tipo de discurso para o clítico *lhe* no *discurso direto* 46%, e 26% para o *discurso indireto*; para o clítico *te*, 24% para o *discurso direto* e 2% para o *discurso indireto*.

Forma pronominal/tipo de discurso	Discurso direto	Discurso indireto
Lhe	21/43 48%	12/43 27%
Te	11/43 25%	1/43 2%

Tabela 4. Português culto: Forma pronominal/ tipo de discurso.

¹ Nessa segunda linha estão os dados dentro do próprio sexo feminino e não em contraponto ao masculino. O mesmo vale para a segunda linha do masculino.

Ainda sobre a *Forma pronominal/faixa etária*, os números percentuais marcaram para o *lhe* 51% na *faixa 1*; 15% na *faixa 2* e 6% na *faixa 3*; para o uso do *te*, obteve-se 17% na *faixa 1*; 2% na *faixa 2* e 6% na *faixa 3*.

Forma pronominal/faixa-etária	Lhe	Te
Faixa 1	23/43 53%	8/43 18%
Faixa 2	7/43 16%	1/43 2%
Faixa 3	3/43 6%	3/43 6%

Tabela 5. Português culto: Forma pronominal/ faixa-etária.

Na *Forma pronominal/sexo*, marcamos para *lhe* no gênero *feminino* 55% e no gênero *masculino* 17%; para o pronome *te*, marcamos 20% e 6%, respectivamente.

Forma pronominal/sexo	Lhe	Te
Feminino	25/43 58%	9/43 20%
Masculino	8/43 18%	3/43 6%

Tabela 6. Português culto: Forma pronominal/ sexo.

CONCLUSÃO

A ocorrência do clítico *lhe* como objeto acusativo foi verificada em 12 das 25 ocorrências encontradas, correspondendo ao total de 48% de *lheísmo*, assemelhando-se aos estudos anteriormente realizados por Almeida (2009) em outras variedades do português brasileiro. A *faixa etária* mostrou-se um fator importante, visto que são os jovens que lideram a preferência pela forma do clítico *te*, aproximando-se, neste quisito, do resultado a que chegou Almeida (2009). Na variável *sexo*, houve um uso semelhante do clítico como acusativo para ambos os sexos. Contudo, mesmo nos dados percentuais apontados para ambos os sexos, observa-se que, se considerarmos os números percentuais dentro da variação do gênero, tem-se 60% de *lheísmo* para os homens, opondo-se a 40% de uso do *lhe* para as mulheres. A variável *forma pronominal/ discurso*, revelou o discurso direto como um fator relevante e o contexto propício para maior índice de ocorrências do clítico *lhe*.

No português culto, o oblíquo *lhe* como objeto direto foi verificado em 43 ocorrências, correspondendo ao total de 73% de *lheísmo*, constatando-se que o uso da variante linguística comumente ocorre também no português culto. A *faixa etária* foi um dos fatores mais importantes, visto que são os jovens que lideram a preferência pela forma do clítico *lhe*. A variável *sexo* trouxe oposição se comparada com os resultados do português popular, visto que há, na fala culta um uso preferencial das mulheres demarcado por 58% dos dados coletados. A variável *forma pronominal/ discurso*, revelou o discurso direto como um fator relevante e de maior índice de ocorrências do clítico *lhe*, com número percentual de 48%.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, G. de S. (2009). *Quem te viu quem lhe vê: a expressão do objeto acusativo de referência a segunda pessoa na fala de Salvador*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Salvador: UFBA / Instituto de Letras.

CUNHA, C. & CINTRA, L. (2002). *Nova gramática do português contemporâneo*. 17 ed. Lisboa: Sá da Costa.

LABOV, W. (2008) [1972]. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: parábola editorial.